

FMI perde força junto aos bancos

MILTON COELHO DA GRAÇA
Correspondente

LONDRES — O Fundo Monetário Internacional já não é mais como antiga-mente, segundo analistas de vários bancos britânicos credores do Brasil. O Diretor-Gerente do FMI esteve em Londres procurando convencer os bancos priva-dos a reatar o fluxo de em-préstimos para os países devedores, especialmente o Brasil. Mas, segundo esses analistas, não houve a menor receptividade, por duas razões principais.

A primeira é que os ban-cos privados não têm como explicar a seus acionistas a volta de operações que têm pelo menos a aparência de alto risco. Os grandes ban-cos britânicos têm reduzido os lucros em seus balanços para aumentar as reservas contra os débitos duvidosos do Terceiro Mundo e papéis da dívida brasileira são vendidos hoje no mercado secundário com deságio de até 40%. Como justificar o reatamento do fluxo de em-préstimos nessas condi-ções?

A segunda razão é que o FMI perdeu muito de sua força de convencimento após a saída de Jacques de Larosière. Camdessus é um técnico respeitado, mas a verdade, segundo esses analistas, é que os bancos centrais assumiram hoje uma parte do papel desem-penhado pelo Fundo há al-guns anos.

A negociação brasileira está no meio de uma grande controvérsia. Os bancos privados querem que os go-vernos, através das institui-

ções internacionais, assu-mam uma responsabilidade maior no refinanciamento da dívida dos países em de-senvolvimento. Só assim — argumentam os analistas — seria possível justificar aos acionistas o retorno das li-nhas de financiamento.

O FMI e o Banco Mundial estão na contramão. Eles pedem aos bancos que acei-tam novos riscos, em nome da defesa da estabilidade fi-nanceira mundial, da ma-nutenção do comércio Nor-te-Sul e da estabilidade política dos países devedo-res, conceitos muitos justos segundo os analistas, mas cuja defesa cabe essencial-mente ao poder público.

A alternativa dos bancos é endurecer as condições de qualquer renegociação que envolva dinheiro novo, mesmo que esse "novo" signifique apenas um jogo escritural. A vinculação com os desembolsos do Fundo garantiria a imedia-ta suspensão de qualquer compromisso de refinancia-miento se o devedor deixar de cumprir os compromis-sos de política econômica assumidos com a institui-ção internacional.

Os analistas reconhecem que há uma lógica infernal nessa engrenagem que, apesar da intenção contrá-ria, vai "politizando" cres-centemente a questão da dí-vida. Na nova situação buscada pelos credores, uma pequena sacudida polí-tica num país causará uma pronta retaliação dos ban-cos e isso, em troça, pode transformar a sacudida em terremoto.